



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – DCS

**PERFIL DE GASTOS DE CONSUMO COM LIVROS NO BRASIL:
UMA ANÁLISE A PARTIR DOS MICRODADOS DA POF 2008 – 2009.**

ALESSANDRO NUNES BARBOSA

Junho – 2015.

ALESSANDRO NUNES BARBOSA

PERFIL DE GASTOS DE CONSUMO COM LIVROS NO BRASIL: UMA
ANÁLISE A PARTIR DOS MICRODADOS DA POF 2008 – 2009.

Monografia apresentada ao curso de
Ciências Sociais do Departamento
de Ciências Sociais da Universidade
Federal de Viçosa, como requisito
Parcial para a obtenção do Título de
Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Cristiana Tristão Rodrigues

VIÇOSA-MG, 2015.

FOLHA DE CATALOGAÇÃO DA BIBLIOTECA

ALESSANDRO NUNES BARBOSA

PERFIL DE GASTOS DE CONSUMO COM LIVROS NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS MICRODADOS DA POF 2008 – 2009.

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, como requisito Parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais.

COMISSÃO EXAMINADORA

APROVADA: 23 / 06 / 2015.

Profa. Dra Cristiana Tristão Rodrigues (Orientadora)
Universidade Federal de Viçosa

Prof. Dr. Jeferson Broechat Soares
Universidade Federal de Viçosa

Prof. Dr. Marcelo Ottoni Durante
Universidade Federal de Viçosa

A minha mãe Maria Luzia, meu pai Custódio

E meu irmão Elisângelo

À memória de minha avós Sebastiana e Conversina e meu avôs Antônio e Miguel.

AGRADECIMENTOS

Tantos são aqueles e aquelas que quero agradecer, que o simples receio de que o nome de alguém não me venha à mente já é capaz de promover esquecimentos, por isso, de imediato, peço desculpas a qualquer nome que não tenha sido citado. A gratidão pessoal fala muito mais do que as palavras aqui escritas. A ordem de aparecimento, não está relacionado ao nível de importância de cada um.

Agradeço àquela força superior que convencionou-se chamar de Deus.

A meus pais, Maria Luzia e Custódio, sou inteiramente grato por todo o esforço que fizeram e continuam a fazer por mim. O esforço deles me serve de inspiração. Por absolutamente tudo, muito obrigado!

Ao meu irmão Elisângelo, pela presença em minha vida e ajuda dada nos mais diversos momentos de toda a minha trajetória, por cuidar de nossos pais enquanto estava distante. A Gislene, minha cunhada, também agradeço por acreditar em mim e me incentivar nos instantes mais difíceis. Muito Obrigado! A minhas tias Maria da Dores e Neuza, que me entusiasmaram com os meus planos de estudos, juntamente com minha prima Fabíola que muito me incentivou.

A Raphael sou grato por sua amizade, disponibilidade, incentivos, empréstimos de materiais para esta pesquisa, por conversas, discussões profundamente instigantes vindos de uma mente tão inquieta, pela determinação empolgante, capacidade crítica e pela maturidade que inspira. A Jônatas por seu humor (frequentemente político), percepção arguta sobre as coisas, e principalmente, por sua amizade. Ao Alan Gustavo por sua visão política em torno do mestrado de educação, numa cidade marcadamente clientelística. Suas percepções sobre a necessidade de que as coisas mudem, me são estimulantes, e todos vocês me instigam a pensar a vida e a cidade de Viçosa, e demais cidades que tive a oportunidade de permanecer durante um certo tempo. De maneira crítica e com vistas às possibilidades de mudança. Ao Hikmat Ullah Jan (Pak), pelas suas brincadeiras, inteligência, e amizade, por ele ser um paquistanês muito criativo.

A Hugo, Luiz (Zeca), Carol, Milton, Warley e Gleiciane pela amizade individual e ao mesmo tempo coletiva, que não daria para agradecê-los de maneira separada. Agradeço a eles pelos anos de faculdade compartilhados juntos, angústias e alegrias divididas, pela força dada nos instantes difíceis, pelas risadas, muitas risadas, que tornaram os dias mais

agradáveis, além das inúmeras besteiras faladas, que serviram e servem para a descoberta do enigma: “o que é a vida?”

A Otto e a Livia, sou grato pelas alegrias vivenciadas e divididas, sem contar as discussões em meio a problematizações da vida cotidiana, sobre lugar onde se vive. Seus pontos de vista em questões políticas fora de instâncias partidárias, me inspiram bastante para pensar aquilo que chamam de papel político do profissional. A Janailton também devo agradecimento pelas mensagens que me serviram para suavizar os instantes de maior aflição. Ao Ricardo, por seu jeito tranquilo de ser, ao Luiz André (Visionário), por suas “filosofias” e seus questionamentos.

A Camila Murta, a Vanessa, a Pâmela, a Sara Lentini, a Elaine e a Fernando, sou grato pelas muitas conversas, viagem compartilhada (Camila Murta) em atividade da disciplina em comum e pelos bate-papos com os demais no Arquivo Central e Histórico da UFV, onde exerci uma bolsa de extensão durante um 11 meses, alegrias que serviram para pensar a vida de maneira mais positiva. A Eduardo também não poderia deixar de agradecer suas ajudas dentro e fora do Arquivo.

Sou muito grato ao professora Cristiana pelas orientações diretas e objetivas que me ajudaram a seguir com a pesquisa, organizaram meu pensamento, me auxiliaram no modo como eu posso pensar o tema, todas elas foram de muito proveito. Sou extremamente grato por ter aceitado orientar este aprendiz de pesquisador de escrita truncada (e outros tantos erros) num período conturbado de minha vida. Muito obrigado! O seu rigor teórico e metodológico me ajudam bastante. Todos os erros que aqui continuam são de total responsabilidade minha.

Ao longo de todo um (per)curso como este, não posso deixar de agradecer aos professores do Departamento de Ciências Sociais, a Sociologia me ajudou a desenvolver uma compreensão mais ampla sobre as pessoas, sobre os fenômenos, sobre minha própria vida etc.

Agradeço também a agricultores e agricultoras que mesmo não participando diretamente da minha vida acadêmica, torceram por mim e me possibilitaram a partir de conversas, o acesso a informações de teores distintos e a pensar sobre a minha vida nesse universo acadêmico. Agradeço a todos, e pessoalmente, espero que através desta monografia possa contribuir para que a leitura seja algo de preocupação, não só na vida

acadêmica, mais durante todo o percurso de nossas vidas, sendo um meio salutar, agradável e veraz para nossas condutas.

“Um país se faz com homens e livros” – (*Monteiro Lobato*).

RESUMO

Os gastos relevantes com a educação brasileira ficam num nível muito aquém comparados com outros gastos como habitação, transportes, alimentação, vestuário, assistência à saúde, viagens, etc. Pode-se até afirmar que a educação fica numa das últimas análises em questões de gastos por domicílio, segundo os dados aqui disponibilizados. Perdendo para poucos gastos como serviços pessoais, higiene e cuidados pessoais, recreação e cultura e fumo, no caso de famílias que tem membros fumantes. O objetivo deste trabalho, portanto, é investigar, de forma descritiva, a magnitude, a estrutura, dos gastos familiares com livros, que poderão estar relacionados com livros que são de caráter voltados para a educação, cultura e outros afins. Utilizaremos como método em nossa pesquisa a forma de análise dos dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF). Conjuntamente com a forma de análise dos dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares e também análise descritiva dos dados. Os resultados sobre gastos com livros equivalentes a vários anos relacionados com as regiões brasileiras, idade do chefe, renda, nível de escolaridade, localização de urbano e rural. Concluir-se, portanto, que através deste trabalho, foi possível analisar os gastos de consumo de livros no Brasil, baseando-se com o consumo averiguado desta pesquisa. Porém, apenas o acompanhamento da modificação dos padrões de consumo das famílias brasileiras ao longo do tempo, através da análise de futuras pesquisas de Orçamento Familiar, confirmará ou não as justezas destas hipóteses.

Palavras chaves: Gastos, educação, livros, pesquisa de orçamentos familiares, Brasil.

ABSTRACT

Expenses material with the Brazilian education are at a distant level compared to other expenses such as housing, transport, food, clothing, health care, travel, etc. One can even say that one of the latest analysis in spending education per household issues is according to the data available. Losing to few expenses as personal services, hygiene and personal care, recreation, culture and tobacco in the case of families who have smokers members. This study therefore, is to investigate in a descriptive way, the magnitude and structure of family spending on books, which are character focused on education, culture and other similar things. We will use as a method in our research the form of analysis of the household budget survey data (POF). Together with the form of analysis of the household budget survey data as well as descriptive data analysis. The results of spending on books equivalent to several years related to the Brazilian regions, age of the head, income, education level, urban and rural location. Therefore concluded that through this study, we examine consume of the books spending in the future in Brazil, relying on the use examined in this study. However, only the monitoring of the change in consumption patterns of Brazilian families long time, through the analysis of future research household budget will confirm or not the adequacy these hypotheses.

Key Words: Spending, education, books, household budget survey, Brazil.

SUMÁRIO

| | | |
|-----------|--|-----------|
| 1. | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. | REFERENCIAL TEÓRICO..... | 18 |
| 2.1 | Estrutura de gastos das famílias brasileiras..... | 18 |
| 2.2 | Os gastos com educação no Brasil de acordo com a POFs 2002 -2003 e 2008 – 2009..... | 19 |
| 2.3 | Gastos com livros no Brasil..... | 20 |
| 3. | METODOLOGIA | 24 |
| 3.1 | Plano de análise dos dados..... | 25 |
| 3.2 | Descrição das variáveis..... | 27 |
| 4. | RESULTADOS..... | 29 |
| 5. | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 38 |
| 6. | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 41 |
| 7. | ANEXO..... | 44 |

1. INTRODUÇÃO

A Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF visa principalmente mensurar as estruturas de consumo, dos gastos, dos rendimentos e parte da variação patrimonial das famílias. Possibilita traçar, portanto, um perfil das condições de vida da população brasileira a partir da análise de seus orçamentos domésticos. Neste enfoque dentro de suas inúmeras características, visa também mensurar o quanto se gasta com educação dentro das famílias. No que tange as famílias, a POF revela uma série de informações, como por exemplo: Idade do chefe da casa, Sexo do chefe, a equivalência da renda familiar, o nível de escolaridade que caracterizam as famílias, dentro deste substrato, os gastos mais significantes das despesas familiar etc. (Ipea, 2007).

Além das informações diretamente associadas à estrutura orçamentária, várias características dos domicílios e das famílias são investigadas, ampliando o potencial de utilização dos resultados da pesquisa. Portanto, com bases nestas análises, é possível, estudar a composição dos gastos das famílias segundo as classes de rendimentos, as disparidades regionais, as áreas urbana e rural, assim como também, a extensão do endividamento familiar, a difusão e o volume das transferências entre as diferentes classes de renda e a dimensão do mercado consumidor para grupos de produtos e serviços. Pois, em se tratando de orçamento, podemos compreender, segundo (BCB, 2013):

Orçamento pode ser visto como uma ferramenta de planejamento financeiro pessoal que contribui para a realização de sonhos e projetos. Para que se tenha um bom planejamento, é necessário saber aonde se quer chegar; é necessário internalizar a visão de futuro trazida pela perspectiva de realização do projeto e estabelecer metas claras e objetivas, as quais geralmente precisam de recursos financeiros para que sejam alcançadas ou para que ajudem a atingir objetivos maiores. Por isso, é importante que toda movimentação de recursos financeiros, incluindo todas as receitas (rendas), todas as despesas (gastos) e todos os investimentos, esteja anotada e organizada. (BCB, 2013, p. 19).

Portanto tem-se como objetivo, da monografia vigente, utilizar-se da riqueza das Pesquisas de Orçamentos Familiares (POF), realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes aos anos de 2008 – 2009,

para conhecer qual o perfil de gastos de consumo de livros no Brasil, como também: o que caracteriza este consumo.

Busca-se avaliar também, por meio desta monografia, no que auferir, da vertente de regiões brasileiras, como a região sudeste, por apresentar maior desenvolvimento, se, por ventura, as famílias apresentam maior consumo em livros que em outras regiões. Ou será que em regiões mais pobres há maiores investimentos em leituras, por ser uma região considerada economicamente mais atrasada? Busca-se respostas equivalentes com os dados da pesquisa dos domicílios localizados nestas regiões do Brasil. Baseados nas análises da POF 2008 – 2009, assim, descrever-se-á, as respostas alicerçada neste dados. (Ipea, 2007)

Segundo Dória (2013), as Despesas de Consumo compreendem a aquisição de bens e serviços; se dividem, conforme sua finalidade, em Alimentação, Habitação, Vestuário, Transporte, Higiene e Cuidados Pessoais, Assistência à Saúde, Educação, Recreação e Cultura, Fumo, Serviços Pessoais e Despesas Diversas e suas respectivas subdivisões. Ver-se por aqui que a lista de consumos equivalentes aos gastos de famílias é longa, embora esta lista aqui seja incompleta. Segundo a autora, as outras despesas correntes são impostos diretos, contribuições trabalhistas (incluindo previdência pública), pensões, doações e serviços bancários. No que ela vai afirmar que “o Aumento do Passivo compreende aquisição e reforma de imóveis e terrenos e outros tipos de investimentos pessoais, como aquisição de títulos de capitalização. Já a redução do passivo se refere às quitações de dívida e prestações de imóveis”. (Dória, 2013, p.52).

A participação das despesas com educação no gasto total das famílias recuou 24,2% de 2003 a 2009, mostram dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo estes indicadores selecionados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2008-2009, custos relacionados à educação responderam por 2,5% das despesas familiares. Em outra edição, feita em 2002/2003, desta pesquisa, a fatia era de 3,3%. A participação de 2,5% é inferior aos 4,6% dos gastos que são aplicados no pagamento de impostos.

De acordo com os dados acima, o recuo foi mais acentuado nas famílias residentes das áreas urbanas, cujos gastos com educação passaram de 3,5%, em 2003, para 2,6%, em 2009, recuo de 25,7% na fatia. Ainda assim, as famílias da zona rural investiram 1,1% de seus gastos em educação, segundo a POF 2008/2009.

Em 2003, a fatia era de 1,3%. (Fazer comparação com outros gastos). Abrindo para as faixas de renda na pesquisa de 2002/2003, vemos que em ambas as

Segundo Dória 2013, apontando para os dados da POF 2008 – 2009, ela vai dizer que: “edições chama à atenção a participação mais elevada das despesas com Alimentação em casa, Habitação, Higiene e Fumo nas famílias até o quinto percentil. Enquanto Alimentação e Habitação representam despesas essenciais, artigos de higiene, assim como os próprios alimentos, são bens de consumo não duráveis, de baixo valor agregado e por isso podem ser consumidos com maior frequência por famílias de baixa renda. As demais categorias tem maior participação no total das despesas nas faixas de renda mais altas”. (Dória, 2013. P. 66).

De acordo com o ponto de vista desta autora, a menor essencialidade do gasto com alimentação e habitação era esperada. No caso brasileiro, porém, havia duas características que se chamavam a atenção: primeiro, a alta desigualdade na participação com Alimentação em casa. Ela aponta dados da pesquisa de orçamentos familiares que ocorreram entre 2003 e 2009, segundo ela, alimentação em casa e Fumo perderam participação em todas as faixas de renda, enquanto Habitação e Transportes ganharam e as demais tiveram comportamentos distintos.

Pode-se assim perceber, que a estrutura familiar é fator determinante para as despesas seja com educação, habitação, alimentação, e outros afins. Entretanto, em se tratando da educação especificamente, este grupo de despesa apresentou redução na participação das despesas em relação à POF 2002-2003, que foi de (-0,8 ponto porcentual), independentemente da composição familiar", diz o relatório do IBGE.

De acordo com as diferentes composições, a maior queda das despesas com educação foi vista nas famílias com filhos. Nas famílias cuja pessoa de referência (principal responsável pelo sustento) é mulher sem cônjuge e com filhos, a queda foi de 1,3 ponto porcentual; na organização "casal com filhos e outros parentes", o recuo foi de 1,0 ponto porcentual; enquanto nas famílias formadas por casal com filhos, a queda foi de 0,8 ponto porcentual, de 3,9% do total de despesas em 2003 para 3,1% em 2009.

Também houve, de acordo com estes dados levantados acima, variação nas participações de outros grupos de gastos. O grupo habitação consumiu 29,2% das despesas em 2009, contra 29% em 2003. Os gastos com alimentação passaram de 16,9% do total em 2003 para 16,1% em 2009. Também subiram as despesas com

assistência à saúde (de 5,7% em 2003 para 5,9% em 2009) e com transporte (de 15,1% em 2003 para 16,0% em 2009).

A discussão que se caracteriza, tem a ver com a verificação da importância, da magnitude e da sensibilidade política, econômica e social dos dispêndios monetários e não-monetários que viabilizam a provisão e a produção de bens e serviços educacionais à população. Assim sendo, são realizados por diversos entes dos setores público e privado. O IPEA aponta que “parte relativa ao setor privado compreende os gastos das famílias e indivíduos, associações, empresas privadas e entidades privadas sem fins lucrativos – Serviço Nacional de Aprendizado Industrial (Senai), Serviço Nacional de Aprendizado Comercial (Senac), sindicatos, igrejas, clubes etc.”. (IPEA, 2007, p.77).

Comparando dados das pesquisas da POF 2008 – 2009 e da POF 2002 – 2003, pode-se ver que os gastos com educação diminuíram no equivalente deste período. Em 2002 – 2003, em se tratando da composição da despesa corrente familiar em relação a educação era de 5,5. Já em 2008 – 2009, com relação a educação sobre a vertente da distribuição das despesas de consumo monetária e não monetária, sobre a média por tipos de despesa, segundo a situação do domicílio e as grandes regiões do Brasil, a porcentagem equivalente com a educação era de 3,0%. Ou seja, houve uma queda considerável durante este período.

No que se refere aos gastos com livros, pouco se sabe sobre quem são os eventuais compradores individuais de livros, jornais e revistas. Não existe informação a nível nacional, assim analisado pelos autores Beltrão e Duchiate (2010), sobre o que se compreende aos chamados consumidores de Material de Leitura. Pode-se perguntar: quais são as características do indivíduo e da família que consomem livros? Pela informação que os autores acima levantaram, acredita-se que tipicamente o aumento da renda e da escolaridade deva vir junto com um aumento do hábito de leitura. Não se sabe se este aumento acontece para todas as indivíduos e famílias ou se existem grupos de alta renda/escolaridade que não leem. A existência de estudantes ou de pessoas com maior nível de instrução na família poderá fomentar este hábito? Os autores vão dizer que “a importância de se mapear as características dos indivíduos que consomem material de leitura está ligada a uma possível estratégia de marketing”. (Beltrão e Duchiate 2010, p. 09). Portanto, é importante saber como este material de leitura é adquirido, onde e por quem. Possivelmente outras características também podem ter importância; assim, a

forma de comercialização e de atingir o público alvo pode-se diferir, quando se trata de livros escolares ou de fundo religioso. Afinal:

Investigar o comportamento leitor do brasileiro não é tarefa fácil. E não basta conhecer essa realidade. Se o nosso objetivo é avançar na construção de um País leitor, é fundamental promover a reflexão e o debate sobre esses resultados envolvendo os diferentes segmentos da sociedade e o governo. Será necessário estreitar relações para buscar soluções efetivas amparadas nas políticas públicas e nas ações de especialistas, representantes do governo e da cadeia produtiva do livro. (Instituto Pró-livro, 2008, p. 05).

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea 2007, ficou-se sabendo que o consumo total das famílias brasileiras vem se mantendo numa proporção relativamente estável do Produto Interno Bruto (PIB) nos dez últimos anos – referentes aqui ao ano da pesquisa - na ordem dos 60%. Segundo estes levantamentos, enfocando nos anos de 2008 – 2009, que teve âmbito nacional, mantendo representatividade amostral para a área das três pesquisas anteriores, houve as POF's de 2002-2003, de 1995-1996, de 1987-1988, que foram realizadas nos meios urbanos de todas as unidades da federação (UFs) e para o meio rural das cinco grandes regiões brasileiras.

Estes dados socioeconômicos e demográficos tem uma característica de enriquecer a leitura das informações específicas de consumo. Efetivamente, podemos até afirmar - ao equivalente dados disponibilizados com esta pesquisa - nos quase 6 anos desde a última POF, que houve mudanças profundas no perfil das famílias metropolitanas, como a diminuição do tamanho das famílias, devido à mudança no âmbito da estrutura familiar, com esta mudança houve o crescimento da presença das mulheres como chefe dos domicílios, e cada vez mais, o envelhecimento populacional e o conseqüente estreitamento da base da pirâmide etária. Esses processos em tal ordem, por sua vez, tiveram ritmos distintos entre as regiões, os níveis de renda e a escolaridade. Apesar do volume de informações que essas pesquisas apresentam no âmbito afim, elas ainda são pouco exploradas. Pode-se assim creditar que isto se deva à dificuldade de compreensão da sua estrutura de apresentação a cada tempo – seja por causa dos micro dados, ali apresentados, seja por causa dos dados de recuperação automática, que estão disponibilizados no *site* do IBGE – e da sua evolução. (IPEA, 2007).

A questão central aqui ensejada é perguntar: por que pesquisar consumo de livros nas famílias? E pode-se responder, elencando uma série de fatores. Como: 1)

para saber se há qual tipo de livros há uma despesa maior, como por exemplo os livros didáticos ou não didáticos. 2) que tipos de livros são lidos. 3) para saber qual o percentual gasto, da renda das famílias com livro de primeiro e segundo grau. 4) saber o investimento das famílias destinados a leitura. 5) para subsidiar políticas públicas de incentivo à leitura. Apesar da importância deste tipo de estudo, pode-se observar que poucos estudos buscaram analisar o perfil de gastos com livros no Brasil. Contudo, o que se leva à pensar nos motivos para este condicionante, são as dificuldades existentes para realizar esses estudos. A realização da POF se deu por causa do alto custo que envolvia a realização do Estudo nacional de Despesas Familiares (ENDEF), realizado em meados dos anos 1970. (Ipea, 2007). Portanto, vistas estas dificuldades financeiras e outras existentes, também pode-se pensar: seria devido ao fato de o Brasil ser um território muito vasto, e com dimensões enormes de disparidades a nível regional, ou mesmo de um estado para outro, e, dentro da própria região? Ou pensar que, o custo de pesquisa levaria muito tempo e dinheiro e poucos são os programas de investimentos para estudos afins? São questionamentos que mostram a dificuldade de realizar pesquisa sobre o consumo familiar.

Por isto, procura-se saber por meio desta monografia qual o perfil de gastos com livros nos domicílios nas regiões do Brasil. E qual é o porcentual da renda familiar que são investidas para este gasto e consumo com respectivos livros, e até mesmo em qual o tipo de livros que são investidos. Sendo assim, tendo em vista os gastos com a educação e também de uma certa forma com a cultura, o objetivo deste trabalho, portanto, é investigar, de forma descritiva, a magnitude, a estrutura, dos gastos familiares com livros, que poderão estar relacionados com livros que são de caráter voltados para a educação, cultura, religião, lazer e outros afins. Bem como verificar como estes gastos se comportam de acordo com as condições socioeconômicas: a renda, nível de escolaridade e idade do chefe do domicílio, tamanho da família e região (sudeste, nordeste, centro oeste, norte e sul) e localização geográfica (urbano e rural).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo apresenta uma breve discussão acerca da literatura pertinente à área de estudo e que serviu de apoio e inspiração para a realização deste trabalho. Trata-se aqui sobre a importância de consumos e gastos com livros no Brasil.

Essa divisão corresponde a forma como se compreende este mesmo trabalho: a discussão sobre a estrutura de gastos das famílias brasileiras nos correspondentes à sua renda e os gastos com educação numa comparativa dos anos de 2002-2003 e 2008-2009, última pesquisa feita pela POF até o presente momento.

Na última seção deste capítulo, é feita uma discussão de gastos com livros no Brasil.

2.1 Estrutura de gastos das famílias brasileiras

As famílias brasileiras, no que tange sua distribuição de renda, é historicamente desigual, originária do fator que ocorreu na sua colonização e posteriormente reforçada pela condução da industrialização e por fatores políticos. Entretanto, segundo Dória (2013), nos anos 2000, a desigualdade caiu consideravelmente, embora em termos absolutos ainda se mantenha elevada. Com isto, o aumento da renda levou a alterações no percentual gasto com cada tipo de bem ou serviço consumido – o que equivale - as mudanças no padrão de consumo. “Essas transformações se inserem em uma estratégia de crescimento adotada pelo novo governo, tendo o consumo interno de massas como elemento dinâmico do crescimento da demanda (Plano Plurianual 2004)”. (Dória, 2013, p.15).

A autora aborda que a queda na desigualdade de renda, a geração de postos de trabalho e a expansão do consumo popular, são fatores que se relacionam com um imenso debate sobre a interação entre distribuição de renda e padrões de consumo no Brasil. Ou seja, tudo leva a crer que uma coisa impulsiona a outra, ou mesmo está, de uma certa lógica, envolvida com a outra.

O consumo de massas, segundo Rostow (1971 apud Medeiros 2012) é caracterizado por uma economia de altos salários em que o consumo da maioria da população se mantém acima das necessidades em “alimentação, habitação e

vestuário” e o crescimento é puxado por setores de bens duráveis. Assim o autor faz uma relação destes setores por estes bens.

Portanto, os gastos das famílias brasileiras, seguem uma proporção de acordo com seus respectivos salários, e, em torno deste salário é que se dará um “gerenciamento” com aquilo que se deverá gastar, dependendo das circunstâncias e das demandas estruturadas nas famílias.

2.2 Os gastos com educação no Brasil de acordo com a POF 2002 -2003 e 2008 – 2009.

Segundo o Ipea (2007) os gastos das famílias com educação aumentaram sua participação no total das despesas correntes entre os anos de 1987-1988 e 2002-2003. O Ipea relata que enquanto em 1987-1988 representavam cerca de 3,2% das despesas correntes, em 2002-2003 eles passaram a equivaler a 5,5% dessas despesas.

Tal resultado demonstrado pelo Ipea (2007), foi bastante significativo, uma vez que as despesas com educação constituíram o grupo que registrou o maior aumento de participação entre 1987-1988 e 2002-2003, seguido pelas outras despesas correntes pelas famílias brasileiras, como: que compreendem principalmente despesas com impostos, contribuições trabalhistas, serviços bancários etc., habitação, higiene e saúde. Segundo esta pesquisa do Ipea (2007), parte desse crescimento só foi possível por causa da menor participação dos gastos com alimentação e vestuário nas despesas correntes das famílias. Ou seja, as famílias tem que limitar gastos numa esfera de consumo, para incluir outra. Sendo assim, os gastos com alimentação, que representavam cerca de 22,2% das despesas correntes em 1987-1988, caíram para 18,7% em 2002-2003, ao passo que a participação dos gastos com vestuário diminuiu de 11,3% em 1987-1988 para 5,0% em 2002-2003.

Segundo a POF 2008-2009, coloca que apesar de o gasto com educação ter se expandido e se aproximado dos gastos com saúde, a sua participação na despesa familiar continuou bem inferior à participação dos gastos com habitação, alimentação e transporte. Sendo assim, pode-se perceber que essa relativa baixa participação dos gastos com educação na estrutura de despesa familiar pode ser atribuída à forte participação do setor público na provisão dos serviços de educação.

Já os serviços públicos – segundo a POF 2008 – 2009 - por serem gratuitos, têm impacto significativo nas cestas de consumo das famílias, gerando assim mas impacto limitado nos seus gastos monetários. Um aumento na provisão de serviços públicos de educação só tem impacto se for na estrutura de gastos das famílias em função da demanda por gastos em bens complementares, como, por exemplo, que se pode citar, o aumento de gastos com materiais didáticos e escolares e outros gastos relacionados. (POF, 2008- 2009).

Interessante notar, que segundo estes levantamentos referentes acima, as despesas com habitação responderam pela maior participação nas despesas monetária e não monetária de consumo das famílias, nos anos de 2008 – 2009, tanto em nível nacional (35,9%) como regional. Quanto à alimentação, observaram-se as maiores participações no consumo das famílias residentes, segundo os dados da POF 2008 – 2009, estão nas Regiões Norte (25,8%) e Nordeste (24,2%). Elas foram assim, superiores à encontrada para o Brasil (19,8%). A menor participação deste grupo nas despesas de consumo foi na Região Centro-Oeste (17,7%). A educação por sua vez, teve o equivalente de 3, 0 % no que tange a distribuição das despesas de consumo monetária e não monetária média mensal familiar, por tipos de despesa no Brasil entre o período 2008-2009. Sendo que habitação 35, 9%, alimentação 19, 8%, transporte 19, 6%.

O equivalente de despesas que vimos acima, caracteriza que os gastos com educação das famílias brasileiras não tomam uma proporção em primeiro âmbito quando se fala com outros gastos considerados primordiais. Um fator que chama a atenção na descrição acima é que nos anos de 2003 – 2004, enquanto se gastava em educação nos antes correspondentes de 1987-1988 3,2% das despesas correntes, em 2002-2003 eles passaram a equivaler a 5,5% dessas despesas. Nota-se que nos anos de 2008 – 2009, isto equivale a 3, 0 %. Ou seja, uma queda considerável se for se pensar em melhoramentos em termos de se aperfeiçoar os conhecimentos que se adquirem dentro desta área, através dos gastos para ela ingeridos.

2.3. Gastos com livros no Brasil.

No Brasil, segundo os autores Beltrão & Duchiate, 2010, vão dizer que os Livros didáticos adquiridos de forma não monetária são aqueles recebidos através de doação ou troca, principalmente. Entretanto sabe-se que também são gastos uma

porcentagem do orçamento familiar com livros. No Brasil, pelos dados que fornecem estes autores, quase 80% dos estudantes são frequentadores da rede pública. Portanto, eles muitas vezes adquirem seus livros nos próprios locais de estudo. Os autores continuam dizendo, que em relação ao PNLD (Programa Nacional de Distribuição do Livro Didático) atinge teoricamente todos os alunos matriculados no Ensino Fundamental, e também parte dos estudantes inscritos em Estabelecimentos Públicos de Ensino de Segundo Grau, compreende-se, portanto, que a grande maioria dos livros doados, no que se refere do interior das Escolas (mais de 90% das ocorrências), restando um pequeno resíduo distribuído em outros locais: órgãos públicos, vendedores ambulantes e livrarias. Segundo os autores vigentes, “a informação referente ao valor dos livros didáticos doados deve ser analisada com prudência, uma vez que as famílias dos alunos dificilmente teriam como aferir o valor monetário dos livros recebidos em doação”. (Beltrão & Duchiate, 2010, p.43).

Segundo a análise feita pela Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, pode-se averiguar que “o crescimento nominal do setor editorial brasileiro em 2013 foi de 7,52%.” Segundo esta afirmativa o percentual significou um crescimento real de 1,52%, considerada a variação de 5,91% do IPCA em 2013. Contudo, com base nesta afirmação, desconsideradas as compras feitas pelo governo, o crescimento nominal foi de 5,90%. Ou seja, considerada a variação do IPCA de 5,91%, as vendas ao mercado não sofreram alterações positivas ou negativas, dado que o crescimento real foi de 0%. Este número aponta para o total de exemplares vendidos, que cresceu em 4,13% se considerarmos apenas as vendas ao Mercado e 20,41% se considerarmos as vendas ao Governo. Isso se dar a uma margem de significação, que o preço médio corrente do livro cresceu 1,70% em 2013 considerando apenas as vendas ao Mercado. Porém, vale ressaltar, se considerada a variação do IPCA de 5,91%, o preço médio constante do livro apresentou uma queda de -4,0%.

Contudo, segundo Vanzellotti1 & Almeida (2010), numa outra linha, ressalta que, a venda de livros no mercado brasileiro tem apresentado desempenho decrescente, porém, os autores também observam que nos últimos anos, fenômenos do mercado editorial despontam contra todas as tendências. Assim, eles analisam que esse é o caso de algumas séries de livros com temáticas voltadas ao público adolescente, como a saga Crepúsculo, que conta em quatro volumes o romance

entre um vampiro e uma adolescente. Estes livros - até 2010 – tinham sido vendidos, mais de 1,5 milhões de cópias no Brasil, a produção editorial total no Brasil, no vigente ano, tinha caído 3,17% e a tiragem média de livros era 25,6%.

Velloso (2004) debruçou-se sobre este assunto do mercado editorial brasileiro, que naquela época passava por sucessivas crises. O faturamento das editoras brasileiras tinha caído 48% entre 1995 e 2003 e a quantidade de exemplares vendidos no mercado tinha diminuído 50%. Naquelas conjunturas, o setor tinha um faturamento aproximadamente de R\$ 3,3 bilhões (aproximadamente 0,11% do PIB), com 330 milhões de exemplares vendidos anualmente, números estes que não cresciam desde 2004. Segundo o Jornal do Brasil de 2010.

Não se pode esquecer que “com a internet e o amplo acesso à informação, surge um novo produto de consumo: a informação digital. Inserido neste contexto estão os livros digitais”. (Katz, 2011. P 74). Segundo esta autora, o mercado de e-books cresce em todo mundo. Ela também aponta que segundo o relatório da *The Association of American Publisher* (AAP), as vendas de e-books representaram 8,32% do mercado de livros nos Estados Unidos em 2010. (Katz, 2011. P. 74).

Voltando ao Brasil, pode imaginar que, uma das razões da estagnação da queda do faturamento das editoras brasileiras, e com isto do baixo consumo de livros, e citando Earp e Kronis (2005), é o preço médio do livro no Brasil - referente naquele período - que era de US\$ 2,50, contra US\$ 7 no Japão, US\$ 14 nos Estados Unidos e US\$ 10 na Austrália. Contudo, enquanto um japonês poderia, com sua renda per capita, comprar 4000 exemplares num ano, um brasileiro compraria 1500 exemplares. O resultado dessa diferença “na hora de escolher o que sai do orçamento doméstico, o livro está no topo da lista de itens dispensáveis” no dizer de Velloso (2004).

Pode-se concluir que o livro é uma das maiores invenções que o homem tem acesso, por meio do livro são transmitidos conhecimentos, culturas de diversos povos e a história do homem não só é preservada como também transmitida de geração para geração. Embora pode-se pensar também se todas as pessoas tem acesso a ele. Que pelo visto não. Portanto, a importância do livro é indiscutível com toda as suas dimensões que lhe é peculiar, mais um parâmetro dos gastos que se referem também com outras eventuais despesas que se gere em uma família. Portanto, também pode-se concluir que o livro é um instrumento de grande apreço para podermos conhecer o próprio mundo em que vivemos é de fundamental

importância, contudo se for usado a imaginação, o pensamento, a ideia, o raciocínio, que pode-se abstrair do próprio livro, ele poderá corresponder a valores incomparáveis com a história da própria humanidade.

O exposto acima, vai ao encontro de Oliveira Lima (2010), referindo à Walter Benjamim (1987), que vai apontar:

Criança lendo. Da biblioteca da escola recebe-se um livro. Nas classes inferiores é feita uma distribuição. Só uma vez e outra ousa-se um desejo. Muitas vezes veem-se livros cobiçosamente desejados chegar a outras mãos. Por fim, recebia-se o seu. Por uma semana estava-se inteiramente entregue ao empuxo do texto, que envolvia branda e secretamente, densa e incessantemente, como flocos de neve. Dentro dele se entrava com confiança sem limites. Quietude do livro, que seduzia mais e mais! Cujo conteúdo nem era tão importante. Pois a leitura caía ainda no tempo em que se inventavam histórias para si próprio na cama. Em seus caminhos semien cobertos de neve a criança rastreia. [...] Para ela as aventuras do herói são legíveis ainda no redemoinho das letras como figura e mensagem no empuxo dos flocos. Sua respiração está no ar dos acontecimentos e todas as figuras lhe sopram. Ela está misturada entre as personagens muito mais de perto que o adulto. É indizivelmente preocupada pelo acontecer e pelas palavras trocadas e, quando se levanta, está totalmente coberta pela neve do lido. (OLIVEIRA LIMA, 2010, p. 20)

Por fim, pode-se pensar que dentro da própria leitura por meio dos livros, podemos observar como a linguagem, por meio de seus signos, confirma ou nega, autoriza ou desautoriza, torna livre ou limita a apreensão do mundo. Por isto famílias, instituições, associações, ou seja, a sociedade como um todo, deve-se pensar no apreço de ser ter um “bom livro” para quem sabe, possa-se “moldar” a própria vida.

3. METODOLOGIA

A Pesquisa de Orçamentos Familiares - POF é realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ela é uma pesquisa domiciliar, realizada por amostragem. A pesquisa busca mensurar, a partir de amostras representativas de uma determinada população, a estrutura de gastos (despesas), os recebimentos (receitas) e as poupanças desta população. Tais informações sobre as unidades familiares permitem estudar inúmeros e importantes aspectos da economia nacional e como exemplos podemos citar a composição dos gastos familiares, disparidades regionais e entre áreas urbanas, e a dimensão do mercado para grupos de produtos e serviços. (IBGE)

Além disso, a pesquisa permite obter informações que se direcionam a resultados de quantidades de alimentos e bebidas adquiridas com dispêndio - gasto monetário - para consumo domiciliar. (*Ibidem*).

Entre outros objetivos da pesquisa, podemos destacar sua utilização na atualização das estruturas de ponderações dos índices de preços ao consumidor, produzidos pelo IBGE e outras instituições.

Os dados também podem ser utilizados para traçar perfis de consumo das famílias, atender demandas relacionadas ao cálculo do Produto Interno Bruto no que diz respeito ao consumo das famílias e diversos estudos relacionados ao planejamento econômico e social e aos aspectos nutricionais da população. Sua realização geralmente é em um determinado período de 12 meses de duração com a coleta no campo. (*Ibidem*).

A Pesquisa de Orçamentos Familiares, tem como objetivo principal obter informações sobre a estrutura de orçamentos (aquisições de produtos, serviços e rendimentos) estado nutricional e condições de vida das famílias; saber quanto ganham (sua receita) e qual a destinação de seu dinheiro (suas despesas) e atualizar as ponderações dos índices de preços apurados pelo IBGE. A POF é também uma pesquisa domiciliar por amostragem, que investiga informações sobre características de domicílios, famílias, moradores e principalmente seus respectivos orçamentos, isto é, suas despesas e recebimentos. Entre outros objetivos da pesquisa, podemos destacar sua utilização na atualização das estruturas de ponderações dos índices de preços ao consumidor, produzidos pelo IBGE e outras instituições. (IBGE).

O número de observações que ocorreram para esta pesquisa da POF 2008 – 2009, dos domicílios na amostra, foram num total de: 7694 domicílios.

3.1 Plano da análise dos dados – análise descritiva

Nesta monografia será feita uma análise descritiva das variáveis. Este tipo de análise é a etapa inicial para descrever e resumir os dados. A disponibilidade de uma grande quantidade de dados e de métodos computacionais muito eficientes revigorou esta área da estatística.

A finalidade é observar, relacionar e analisar os fenômenos. Nesse tipo de pesquisa não pode haver interferência do pesquisador, que deverá apenas descobrir a frequência com que o fenômeno acontece e como se relaciona com outras variáveis.

O processo descritivo visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno analisado. Esse tipo de pesquisa pode ser entendida como um estudo de caso onde, após a coleta de dados, é realizada uma análise das relações entre as variáveis. (Posgraduando).

No que se refere aos tipos de livros que são adquiridos pelas famílias nos seus respectivos domicílios são: livros didáticos (periódico técnico, livro escolar didático, livro e revista técnica e outros livros didáticos, dicionário, apostila, guia de vestibular, apostila de supletivo, enciclopédia e livro pré-escolar). E livros não didáticos (periódico, jornal, revista, material de xerox e impressão. Ver Quadros 1 e 2.

No que diz respeito sobre as variáveis socioeconômicas, utilizadas nesta monografia, utiliza-se a idade do chefe da família, a renda da família, nível de escolaridade do chefe do domicílio, quantidade de morador, região (sudeste, nordeste, centro oeste, norte e sul), onde fica localizado o domicílio e a localização geográfica (urbano e rural).

Com a questão que se refere a variável idade do chefe da família, pode-se ter a proporção que quando mais a idade for elevada, maiores são os gastos com revista e periódico. Fica nítido neste aspecto uma leitura por lazer.

Sobre a renda da família, segundo a literatura utilizada na monografia presente, o fator econômico, ou seja, de famílias com rendas mais elevadas, caracterizam um gasto maior com consumo de livros, pois segundo Beltrão & Duchiate 2010 vão apontar que “nas famílias com renda até dois salários mínimos, somente 1,2% compram livros não didáticos, enquanto 18,7% (menos de 1/5) adquirem algum item de Material de Leitura. Dito de outra maneira, entre as famílias mais pobres, 98,8% não gastam nada com livros

não didáticos, e 81,3% não consomem qualquer item relacionado à Leitura”. Beltrão & Duchiate, 2010. P. 4).

Visto que a renda das famílias mais elevada tampouco adquirem livros: menos de um quarto (24,5%) das famílias com renda superior a 15 salários mínimos compram livros não didáticos, embora 71,2% adquiram algum item de Material de Leitura, argumentam os autores. O complemento destas percentagens se dá numa fala por si só, pois “75,5% das famílias que auferem mais de 15 Salários Mínimos mensais não gastam nada com Livros que não sejam didáticos, apesar de somente 28,8% não consumirem nenhum Material de Leitura. (*Idem*.p. 05). Portanto, a baixa renda familiar, por si só, não basta para justificar o parco consumo com livros, uma vez, como se pode ver, que, mesmo nas famílias mais abastadas, este consumo é muito pequeno.

Outro fator das variáveis é o nível da escolaridade do chefe do domicílio, quanto maior os anos de escolaridade, maior tende-se a comprar jornal e revista ou assinar algum tipo de periódico técnico, dando assim a entender que os outros tipos de livros não possuem tanta importância para se ler.

No que se refere as regiões brasileiras, pode-se perceber que a região Centro Oeste e Nordeste, os gastos são maiores em livros não didáticos como o Jornal e periódico. O jornal novamente ganha destaque, pensando-se assim que ele é um meio mais fácil e barato de ser lido e viável.

Por fim, no que refere a localização Urbano e Rural, a POF vai dizer que às diferenças entre o rural e o urbano, cabe demarcar, o tamanho da família, que no meio rural é bem superior ao das cidades e das metrópoles, cujos tamanhos são bastante próximos. Nessa direção a POF observa que as famílias metropolitanas e urbanas têm perfis relativamente semelhantes, salvo na participação das despesas de consumo no orçamento e nos valores absolutos dos recebimentos e gastos. Neste aspecto, efetivamente, o recebimento mensal familiar *per capita* metropolitano é 59% superior ao do urbano não metropolitano, que, por sua vez, supera em 111% o dos domicílios rurais. Tais diferenciais se preservam no caso dos orçamentos, com o gasto mensal familiar *per capita* metropolitano superando em 57% o urbano não metropolitano, e este sendo maior que o rural em medida similar à observada para o caso da renda. Em outras palavras, isto se justifica ao se pensar o porquê do gasto de consumo no meio urbano se mais elevado que no meio rural.

Enfim, à educação, as participações, segundo a POF 2008-2009, foram de 0,9% quando os rendimentos eram os mais baixos e, de 2,9% na classe dos valores mais

elevados. Pois acredita-se que tipicamente o aumento da renda e da escolaridade deva vir junto com um aumento do hábito da leitura, sendo assim, vem-se também o gasto de consumo com livros.

O total de domicílios na amostra foi de 7694 domicílios, ou seja, o total de domicílios que apresentaram gastos com livros didáticos e não didáticos é de 7694.

3.2 Descrição das variáveis

Quadro 1: Livros Não Didáticos

| Tipos de Livros | Especificação |
|-------------------------------|--|
| Livro Não Didático | <ul style="list-style-type: none"> - Livro não didático - Coleção de livros não didáticos <ul style="list-style-type: none"> - Fascículo - Romance - Bíblia - Livros de catecismo |
| Periódico | Assinatura de periódico |
| Jornal | Assinatura de Jornal |
| Revista | Assinatura de Revista |
| Material de xerox e impressão | <ul style="list-style-type: none"> - Fotocopia Xerox <ul style="list-style-type: none"> - Xerox - Cópia xerox - Plastificação, encadernação - Digitação, impressão |

Elaboração própria a partir dos microdados da POF-IBGE.

Quadro 2: Livros Didáticos

| Tipos de Livros | Especificação |
|---|--|
| Periódico Técnico | Assinatura de periódico técnico |
| Livro Escolar Didático | Livro escolar de 1º e 2º grau |
| Livro e Revista Técnica e outros Livros Didáticos | Livro e revista técnica e outros livros didáticos |
| Outros Livros Didáticos | - Outros livros didáticos - Manual didático - Livro paradidático |
| Dicionário | Dicionário |
| Apostila | Apostila |
| Guia de Vestibular | - Guia de vestibular - Manual de vestibular |
| Apostila de Supletivo | Apostila de supletivo |
| Enciclopédia | Enciclopédia |
| Livro Pré – Escolar | Livro pré – Escolar |

Elaboração própria a partir dos microdados da POF-IBGE

4. RESULTADOS

Antes de apresentar as tabelas, é importante destacar, que não é possível discriminar alguns tipos de livros, por exemplo, na Tabela 1 e 2 (despesas Livros não-didáticos e Assinaturas de Periódicos), não é possível saber o tipo de livro não-didático, ou seja, se é religioso, de ficção, ensaio, etc. São apresentadas nas tabelas, uma única linha as despesas com Livros Escolares de 1o e 2o Grau. Igualmente, neste mesmo quadro, as despesas com Livros e Revistas Técnicas são agregadas num único campo, não sendo possível separá-las posteriormente.

A tabela 1 apresenta as despesa mensal média com livros não didáticos nos domicílios brasileiros. A tabela é dividida em cinco linhas e cada linha refere-se a um tipo de despesa: tipo de livros não didáticos, periódicos, jornal, revista, xerox e impressão. Pode-se perceber que as despesas de livros não didáticos foram bem menores comparados aos jornais e revistas, aproximando-se mais da despesa com periódico, pois, enquanto que em um mês se gastava R\$ 34,08 com jornais, em um mesmo período se gastava o equivalente de R\$ 25, 84 com livro não didático. As despesas com revistas fica num patamar bem acima, que é de R\$ 40,17. Ou seja, pode-se constatar que os gastos com leituras são mais direcionadas às leituras por informações ou por lazer do que de conhecimento proporcionado por meio de livro não didático.

Tabela 1: Despesa mensal média¹ com livros não didáticos nos domicílios brasileiros

| Tipos de livros não didáticos | Despesa Mensal | Número de observações |
|--------------------------------|----------------|-----------------------|
| Despesa com livro não didático | 25,84 | 772 |
| Despesa com periódico | 33,98 | 284 |
| Despesa com jornal | 34,08 | 64 |
| Despesa com revista | 40,17 | 57 |
| Despesa com xerox impressão | 3,89 | 4841 |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

¹ O Teste de normalidade das variáveis de despesa com livros didáticos e não didáticos encontra-se nas Tabelas 1A e 2A do anexo.

A Tabela 2 apresenta a despesa mensal média com livros didáticos nos domicílios brasileiros. A tabela é dividida em oito linhas e cada linha apresenta um tipo de despesa: Livro de primeiro e segundo grau, livro e revista técnica, despesa de outros, dicionário, apostila, material supletivo, enciclopédia e livro pré-escolar. Observa-se por meio desta tabela, que o gasto mensal com livro e revista técnica, que é de R\$ 28,22. Que é quase dez vezes maior comparado com os gastos com dicionário, que é de R\$ 3,13. Em seguida, a maior despesa com este tipo de livro é, com livro de primeiro e segundo grau que é de R\$ 22,04, ficando a despesa com enciclopédia em terceiro lugar. Percebe-se que embora se tenha um gasto maior com livro e revista técnica. Os gastos com livros de primeiro e segundo grau são relativamente maiores, provavelmente, devido uma necessidade de aprendizado dos membros dos domicílios pesquisados, possivelmente por existirem crianças e adolescentes. No caso da enciclopédia, pode-se inferir que a leitura seja para conhecimentos gerais e para lazer a qual está num patamar bem acima quando comparado com os gastos com apostilas, material supletivo e material vestibular. Embora no caso deste último, só houve uma observação. E do material supletivo duas observações.

Tabela 2: **Despesa mensal média com livros didáticos nos domicílios brasileiros**

| Tipos de livros didáticos | Despesa Mensal | Número de observações |
|----------------------------------|----------------|-----------------------|
| Assinatura de periódico técnico | 18,43 | 1 ² |
| Livro de primeiro e segundo grau | 22,04 | 805 |
| Livro e revista técnica | 28,22 | 569 |
| Despesa de outros livros | 13,38 | 86 |
| Despesa com dicionário | 3,13 | 19 |
| Despesa com apostila | 9,33 | 155 |
| Despesa com material supletivo | 4,71 | 2 |
| Despesa com enciclopédia | 20,18 | 3 |
| Despesa com livro pré- escolar | 11,02 | 35 |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

² Para a despesa de assinatura de periódico técnico, apenas um domicílio realizou gasto com este tipo de livro.

A Tabela 3 apresenta a renda média e média de anos de estudo dos domicílios que possuem gastos em cada categoria de livros não didáticos. A tabela é dividida em cinco linhas e cada linha apresenta a renda média e o nível de escolaridade para os domicílios que consumiram cada um dos tipos de livros não didáticos. Um dado interessante de se notar é que quanto menor for os anos de nível médio de escolaridade, menor será a renda média. Outra informação que a tabela proporciona, é que, quanto maior os anos de escolaridade, e quanto maior a renda, maior a tendência de gastar mais com jornal. Enquanto as famílias que gastam com jornal, a renda é de R\$ 6649,57, ou seja, a diferença é de pouco mais de R\$ 900 Reais, o que equivaleria nos dias atuais, menos de dois salários mínimos. Outro fator que se destaca é que quanto menor a renda, mais se gasta com xerox e impressão.

Tabela 3: Renda média e média de anos de estudo dos domicílios que possuem gastos em cada categoria de livros não didáticos

| Tipos de livros não didáticos | Renda média | Nível médio de escolaridade |
|-------------------------------|-------------|-----------------------------|
| Despesa: livro não didático | 5416,34 | 10,86 |
| Despesa: periódico | 7562,72 | 10,86 |
| Despesa: jornal | 6649,57 | 11,14 |
| Despesa: revista | 6769,94 | 11,12 |
| Despesa: xerox impressão | 2361,15 | 6,52 |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

A Tabela 4 apresenta a renda média e média de anos de estudo dos domicílios que possuem gastos em cada categoria de livros didáticos. A tabela é dividida em dez linhas. Pode-se observar novamente que quanto maior os anos de nível médio de escolaridade, maior será a proporção de se ter uma renda mensal. A família, que possui gasto com livro e revista técnica possui em média a renda mais alta. Já as famílias que realizam gastos com periódico técnico, possuem maior nível de escolaridade. A família com gastos com material de vestibular possui a renda mais baixa e menor nível de escolaridade.

Tabela 4: Renda média e média de anos de estudo dos domicílios que possuem gastos em cada categoria de livros didáticos

| Tipos de livros didáticos | Renda média | Nível médio de escolaridade |
|------------------------------------|-------------|-----------------------------|
| Assinatura de periódico técnico | 4417,29 | 11 |
| Livro de primeiro e segundo grau | 2761,52 | 6,97 |
| Livro e revista técnica | 4943,67 | 9,67 |
| Despesa com outros livros | 4407,51 | 8,90 |
| Despesa com dicionário | 2484,07 | 6,42 |
| Despesa com apostila | 3221,20 | 8,18 |
| Despesa com material de vestibular | 530,51 | 0 |
| Despesa com material supletivo | 2501,39 | 4 |
| Despesa com enciclopédia | 2948,00 | 6,66 |
| Despesa com livro pré-escolar | 3176,958 | 7,88 |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

A Tabela 5 apresenta a idade e quantidade de moradores por domicílios que possuem gastos em cada categoria de livros não didáticos. A tabela é dividida em cinco linhas e cada linha apresenta um tipo de despesa: livro não didático, periódico, jornal, revista, xerox e impressão. Pode-se notar que as famílias que possuem gastos com revista e periódico, apresentam a idade média mais elevada. O oposto se dá no que se refere a quantidade de morador, neste caso, as famílias que possuem gastos com estas categorias possuem menos moradores, já os domicílios que possuem gastos com xerox e impressão, possuem maior número de moradores e menor idade média.

Tabela 5: Idade média do chefe do domicílio e quantidade média de moradores por domicílios que possuem gastos em cada categoria de livros não didáticos.

| Tipos de livros não didáticos | Idade | Quantidade de morador |
|--------------------------------|-------|-----------------------|
| Despesa com livro não didático | 48,28 | 2,99 |
| Despesa com periódico | 54,17 | 2,767 |
| Despesa com jornal | 52,54 | 2,90 |
| Despesa com revista | 55,12 | 2,78 |
| Despesa com xerox impressão | 45,82 | 3,68 |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

A Tabela 6 apresenta a Idade e quantidade de moradores por domicílios que possuem gastos em cada categoria de livros didáticos. A tabela é dividida em dez linhas e cada linha apresenta um tipo de despesa de livros didáticos: Assinatura de periódico técnico, livro de primeiro e segundo grau, livro e revista técnica, despesa de outros, dicionário, apostila, material de vestibular e supletivo, enciclopédia e livro pré-escolar. As famílias que possuem gastos com material de vestibular possuem a média de idade mais alta, 62 anos, e a categoria periódico técnico possui a média de idade mais baixa, 35 anos. Com relação ao número de moradores, nota-se que domicílios que gastam com periódico técnico e material de vestibular, apresentam a menor média de moradores por domicílio. Domicílios que apresentam gastos com material de supletivo, possuem a maior quantidade média de moradores. Os domicílios que possuem gastos com livro pré-escolar e livro de 1º e 2º grau, possuem idades médias relativamente baixas; apresentando também média de moradores em torno de 4.

Tabela 6: Idade do chefe do domicílio e quantidade de moradores por domicílios que possuem gastos em cada categoria de livros didáticos

| Tipos de livros didáticos | Idade | Quantidade de morador |
|---------------------------------|-------|-----------------------|
| Assinatura de periódico técnico | 35 | 3 |

| | | |
|------------------------------------|-------|------|
| Livro de primeiro e segundo grau | 43,54 | 4,07 |
| Livro e revista técnica | 45,93 | 3,44 |
| Despesa com outros livros | 43,81 | 3,75 |
| Despesa com dicionário | 46,84 | 4,05 |
| Despesa com apostila | 44,65 | 3,84 |
| Despesa com material de vestibular | 62 | 3 |
| Despesa com material supletivo | 55 | 6 |
| Despesa com enciclopédia | 42 | 5,33 |
| Despesa com livro pré-escolar | 39,57 | 4,11 |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

A Tabela 7 apresenta os gastos médios com livros não didáticos por região. A tabela é dividida em cinco linhas. Cada linha apresenta o gasto médio de um tipo de despesa com livros não didáticos por região: Sudeste, Sul, Norte, Nordeste e Centro Oeste. Nota-se que a região Sudeste tende-se a gastar mais com duas categorias: revista e livro não didático. No que tange em gasto com livro não didático, a região Centro Oeste aparece em segundo lugar. Enquanto a região Sul e Norte ficam praticamente empatadas neste quesito. E a região Nordeste em último. A região Nordeste sobressai somente nos gastos com jornal. Se destacando também em revista e periódico. Porém em gastos com xerox e impressão ela está em último. Nota-se que todas as regiões brasileiras tem um gasto bem elevado com jornal, periódico e revista. Somente a região Norte, teve baixa despesa com revista. Contudo, todas as regiões tiveram gasto elevado com periódico.

Tabela 7: Gastos médios com livros não didáticos por região

| Tipos de livros não didáticos | Sudeste | Sul | Norte | Nordeste | Centro-Oeste |
|--------------------------------|---------|-------|-------|----------|--------------|
| Despesa com livro não didático | 29,98 | 24,24 | 24,22 | 21,93 | 27,28 |
| Despesa com periódico | 34,12 | 27,71 | 43,14 | 34,32 | 42,47 |
| Despesa com jornal | 36,08 | 28,17 | - | 62,96 | 25,59 |
| Despesa com revista | 54,92 | 23,29 | 15,31 | 41,75 | 39,56 |
| Despesa com xerox impressão | 3,94 | 3,98 | 4,86 | 3,39 | 4,14 |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

A Tabela 8 apresenta os gastos médios com livros didáticos por região. A tabela é dividida em dez linhas e cada linha apresenta um tipo de despesa com livros didáticos por região. No que tange a assinatura de periódico e técnico, somente a região Sul apresentou despesa com esta categoria. Nota-se uma soma mais elevada de gasto com livro técnico e revista técnica. Destacando também o livro de primeiro e segundo grau. Neste quesito a região Nordeste teve um gasto mais elevado. Pode-se pensar que, por ser uma região economicamente mais atrasada, em relação a região Sul e Sudeste, que os governos dos respectivos estados que compõem esta região estão investindo mais na educação de crianças e adolescentes. O segundo destaque, neste quesito, vem para a região Centro Oeste. Porém, nota-se que pouco se gasta quando se fala de livro pré-escolar, e material supletivo, que, a não ser as regiões Sudeste e Sul, as outras nem foram informadas, dando-se a entender que a pesquisa referentes a estes dados tem pouca frequência. Assim como também em relação com o material de vestibular.

Tabela 8: Gastos médios com livros didáticos por região

| Tipos de livros didáticos | Sudeste | Sul | Norte | Nordeste | Centro-Oeste |
|------------------------------------|---------|--------|-------|----------|--------------|
| Assinatura de periódico técnico | - | 18,43 | - | - | - |
| Livro de primeiro e segundo grau | 18,96 | 16,76 | 17,78 | 27,36 | 22,82 |
| Livro e revista técnica | 3162 | 24,20 | 27,03 | 26,20 | 31,61 |
| Despesa com outros livros | 15,63 | 12,320 | 16,94 | 11,59 | 9,30 |
| Despesa com dicionário | 5,96 | 2,32 | 2,01 | 1,59 | 2,06 |
| Despesa com apostila | 9,95 | 11,16 | 12,42 | 4,34 | 13,30 |
| Despesa com material de vestibular | - | - | - | 7,65 | - |
| Despesa com material supletivo | 4,33 | 5,1 | - | - | - |
| Despesa com enciclopédia | 5,98 | - | 27,28 | - | - |
| Despesa com livro pré-escolar | 6,43 | - | 8,08 | 11,11 | 26,25 |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

A Tabela 9 apresenta os Gastos médios com livros não didáticos por localização rural e urbano. A tabela traz a informação que no meio rural se gasta mais somente com periódico, pensando assim que as demais despesas são menos expressivas. Pode-se

entender também que a localização urbana tende a concentrar um número contingente maior de pessoas. Em relação ao livro não didático, a despesa está elevada, mas, se comparando com jornal, nota-se que está duas vezes maior que na área rural.

Tabela 9: Gastos médios com livros não didáticos por localização rural e urbano

| Tipos de livros não didáticos | Rural | Urbano |
|--------------------------------|-------|--------|
| Despesa com livro não didático | 19,85 | 26,67 |
| Despesa com periódico | 38,83 | 33,41 |
| Despesa com jornal | 17,79 | 35,46 |
| Despesa com revista | 26,94 | 42,98 |
| Despesa com xerox e impressão | 2,12 | 4,33 |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

A Tabela 10 apresenta os Gastos médios com livros didáticos por localização rural e urbano. Nota-se na tabela abaixo que as informações com periódico técnico, material de vestibular e enciclopédia não apresentam observações levando a concluir que há pouca frequência dos gastos com tais livros didáticos. Em todos os quesitos na localização urbana se gasta mais que no rural. Em relação a outros livros, o gasto é cinco vezes maior. Portanto, se pode pensar quais os fatores de se ter estas diferenças acentuadas. Tudo leva a crer, que o baixo investimento que se tem em educação nas localidades rurais, faz com que as despesas com livros sejam menores nestas áreas.

Tabela 10: Gastos médios com livros didáticos por localização rural e urbano

| Tipos de livros didáticos | Rural | Urbano |
|------------------------------------|-------|--------|
| Assinatura de periódico técnico | - | 18,43 |
| Livro de primeiro e segundo grau | 11,81 | 24,09 |
| Livro e revista técnica | 16,24 | 29,51 |
| Despesa com outros livros | 3,96 | 15,06 |
| Despesa com dicionário | 0,86 | 3,25 |
| Despesa com apostila | 4,78 | 10,02 |
| Despesa com material de vestibular | - | 7,65 |
| Despesa com material supletivo | 4,33 | 5,1 |
| Despesa com enciclopédia | - | 20,18 |
| Despesa com livro pré-escolar | 6,45 | 11,45 |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fugiria ao escopo de uma monografia como esta interpretar os achados aqui apresentados, de modo a explicar os motivos para o baixo consumo de livros no Brasil, de uma forma plena e sempre convincente para os parâmetros deste baixo consumo. Porém, vindo de uma outra vertente, pode-se observar que, talvez, isto se deva as atuais conjunturas da internet e dos meios de comunicação visual. Que por vezes, “prende à atenção dos seus respectivos telespectadores”. No entanto, a análise dos resultados da 6ª Pesquisa de Orçamentos Familiares, cujos dados foram coletados entre 2008 e 2009, revela que, apesar das alegadas influências da baixa renda e escolaridade da população brasileira, tradicionalmente utilizadas como justificativa para o pequeno consumo de livros no Brasil (1,8 livros por habitante ao ano), estes fatores não bastam para, por si só, explicarem porque famílias com renda familiar e escolaridade elevada não consomem livros.

“O gasto familiar com o consumo de bens supérfluos de introdução recente, como a Telefonia celular, supera o gasto com todas as atividades de Lazer fora de casa, e também com o conjunto de itens ligados à Leitura”. (Beltrão & Duchiate, 2010. P. 82). Esta evidência se dá pelas PNADs, segundo ela houve um aumento no número de domicílios com membros possuidores de telefone celular.

Da mesma forma, a disseminação dos microcomputadores de uso pessoal entre todas as camadas de renda, bem como a ampliação do acesso à Internet em banda larga, leva a crer que o peso dos gastos com equipamentos eletroeletrônicos tenda a crescer cada vez mais. Embora já tenha crescido muito nos últimos anos. Do ponto de vista objetivo, existem parcelas importantes da população que poderiam se transformar em consumidoras de livros, por possuírem renda e/ou escolaridade compatíveis e por já lerem outros tipos de material de leitura, nomeadamente jornais e revistas.

No entanto, um dado interessante que se pode observar, através da despesa mensal dos domicílios, com o números de observações, é que os livros didáticos somam-se numa despesa total de R\$ 137.96. Sendo o número de observações 6,018. (Focando-se aqui na tabela 1), e no entanto –focando-se na tabela 2 – onde a despesa mensal foi de R\$ 112.01, cujo número de observações foram de 1,674. Destacando este fator, pode-se ver que as despesas com livros didáticos, foram bem

maiores, entretanto, no que tange ao expoente de jornais e revistas, pode-se ter uma conclusão que há alguns casos que as despesas com estes dois grupos são bem maiores que com outros tipos de livros, mesmo que esta variável se difere de uma região para a outra do Brasil, há um grande número de pessoas que leem por lazer, dando a entender que este tipo de leitura é preferencial, em relação a leitura que se abstrai de livros que proporcionam, mais num sentido de conhecimento em termos técnicos ou de aprendizado na esfera de termos de ensino.

Numa outra vertente, pode-se perceber que os gastos com livros de primeiro e segundo grau, em alguns casos, somam-se uma porcentagem elevada de gastos, porém, neste caso, muito provavelmente, por ser as residências onde existam crianças e adolescentes, o que não significa que este tipo de livro seja uma despesa em primeira ordem, pois, livros didáticos, como revista técnica e enciclopédia, obtiveram parâmetros elevados, e, em alguns casos, a despesas com estes tipos de livros, chegaram mesmo a ultrapassar a despesa equivalente com o livro de primeiro e segundo grau.

No caso das regiões brasileiras, pode-se constatar que a região sudeste, por ser ela considerada uma região economicamente mais ativa, isto não influi porém no que tange aos gastos e consumos de livros, serem maiores, que as outras regiões. Pois pode-se perceber que a região Centro Oeste e Nordeste, os gastos são maiores em livros não didáticos como o Jornal e periódico. E no que se refere aos livros didáticos, a região nordeste sobressai em investimentos com livro de primeiro e segundo grau. Visto por esta perspectiva, pode-se deduzir que há um investimento maior neste tipo de livros por ser uma região considerada mais atrasada no perfil econômico brasileiro.

Já olhando na ótica do número de leitores no Brasil, de acordo com os dados obtidos pela pesquisa Retratos da leitura no Brasil, de sua 3ª edição, de 2012, promovida pelo Instituto Pró-Livro e aplicada pelo Ibope Inteligência, temos no Brasil 88,2 milhões de leitores, ou seja, 50% da população - naquela época - de acordo com essas informações, 7,4 milhões a menos do que em 2007, quando 55% dos brasileiros se diziam leitores. Será o preço do livro o que lhes impede o acesso às obras? A pesquisa aponta que não. O preço fica em 13º lugar como razão para se ler menos do que se lia antes, com 2% dos entrevistados. A falta de interesse fica em primeiro lugar, com 78% e a falta de tempo em segundo, com 50%. Segundo a própria análise feita com esta pesquisa, portanto, dando continuidade a estas

informações, observa-se, segundo estes dados, que também foi apontado que o livro tem hoje uma série de concorrentes – 85% das pessoas preferem assistir tevê em seu tempo livre e 52%, ouvir música ou rádio. A opção pela leitura aparece em 7º plano, com 28%.

A boa notícia, segundo dados obtidos desta pesquisa, foi que houve maior fidelização dos leitores aos seus queridos companheiros, os livros: atualmente, 49% deles leem mais, ante os 40% de 2007, equivalendo a um acréscimo de cerca de 5 milhões de leitores. O índice de leitura por prazer também subiu em 2011: é de 75% contra 70% em 2007. A média de livros lidos em casa aumentou: de 25, em 2007, foi para 34, em 2011. Crescimento de 36%. (Retratos da leitura no Brasil, 2012).

Sabe-se, que os livros mais lidos, nos domicílios pesquisados foram: Assinatura de periódico técnico, livro de primeiro e segundo grau, livro e revista técnica, enciclopédia. Livros estes de cunho didático.

Segundo Galeno Amorim, organizador do livro Retrato da Leitura do Brasil (2008), ou seja, quatro anos antes, a má notícia que se dava era: que o Brasil, apesar dos recentes avanços, ainda não reconhece a questão do livro e da leitura como algo realmente importante e estratégico para seu presente e, sobretudo, para construir outro tipo de futuro. O autor aponta que isso fica claro ao se constatar o quanto ainda hesita na hora em que deveria conferir a ela a dimensão de uma política de Estado – o que inclui orçamentos públicos mínimos, estrutura para bem aplicá-los e uma clara definição de papéis para os diferentes entes da federação. Sua visão vai numa esfera que as bibliotecas brasileiras, um serviço público que, embora essencial, continua a merecer só um tratamento de segunda classe. Não por outra razão, elas estão às mínguas, diz ele, e, vez ou outra, surgem notícias na imprensa dando conta do fechamento de algumas delas. (Retratos da Leitura do Brasil, 2008. P. 16).

Afinal, diante dos resultados apresentados, pode-se sugerir que os formuladores de políticas públicas, deveriam realizar políticas direcionadas ao incentivo da leitura nas escolas. Sendo assim, pode-se acreditar, que o uso rotineiro dos dados da POF 2008-2009, pelo setor editorial e livreiro justificará a modificação dos dados por ela oferecida, em futuras pesquisas. Em contrapartida, a manutenção dos mesmos instrumentos de pesquisa gera a possibilidade de comparações ao longo do tempo, o que permitirá futuras análises da evolução dos gastos com material de leitura, com base em informações mais recentes.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Banco Central do Brasil. **Caderno de Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais**. Brasília: BCB,2013. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf. Acessado em 13 de maio de 2015.

BELTRÃO, K. I. & DUCHIADE, M. P. **O livro no orçamento familiar**. (2010). Kaizô Iwakami Beltrão - Pesquisador Responsável & Milena Piraccini Duchiae – consultora. Disponível em: <http://www.aelrj.org.br/website2010/images/stories/OLivronoOrçamentoFamiliar.pdf>. Acessado em 19 de maio de 2015.

DÓRIA, R. M. S. **Evolução do padrão de consumo das famílias brasileiras no período 2003-2009 e relações com a distribuição de renda** / Rosa Marina Soares Dória. -- 2013. Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/ppge/Rosa_Marina.pdf. Acessado em 19 de maio de 2005.

EARP, F. S.; KRONIS, G. **A Economia da cadeia produtiva do livro**. Fabio Sá Earp e George Kornis. Rio de Janeiro: BNDES, 2005. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Publicacoes/Consulta_Expressa/Setor/Industria_Grafica/200503_7.html . Acessado em 15 de maio 2015.

GASTOS DE FAMÍLIAS COM EDUCAÇÃO RECUAM 24,2%, SEGUNDO IBGE. Disponível EM: <http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Resultados/noticia/2012/09/familias-gastam-242-menos-com-educacao-segundo-ibge.html>. Acessado em 12 de junho de 2015.

IBGE. Diretoria de Pesquisas Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa de Orçamentos Familiares** 2008-2009. Disponível em: <https://fernandonogueiracosta.files.wordpress.com/2012/09/pof-2008-2009.pdf>. Acessado em 20 de maio de 2015.

Gaiger, F. et al. **Gasto e consumo das famílias brasileiras contemporâneas/**. – Brasília: Ipea, 2007. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5543.

Acessado em 12 de maio de 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JORNAL DO BRASIL. **Especialista aponta estagnação do mercado editorial brasileiro**. 19/03/2010. Disponível em: <http://www.jornalbrasil.com.br/interna.php?autonum=6993>. Acesso em 12 junho de 2015.

Katz, Fabiana Stifelman. **Estudo de comportamento de consumo de livros digitais**. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/33251/000786952.pdf>. Acesso: em: 28 mai. 2015.

MEDEIROS, C. A. “A Evolução da Composição da Demanda das Famílias Brasileiras entre 2003-2009”, dez. 2012.

OLIVEIRA LIMA, M. F. **Análise das estratégias de leitura de alunos do ensino superior e seu reflexo na compreensão do texto** / Maria de Fátima Oliveira Lima; Orientador Junot Cornélio Matos, 2010. Disponível em: http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/2/TDE-2010-08-03T154310Z331/Publico/dissertacao_maria_de_fatima.pdf. Acessado em: 19 de maio de 2015.

Posgraduando. **As diferenças entre as pesquisas exploratória, descritiva e explicativa**. Disponível em: <http://posgraduando.com/blog/as-diferencas-entre-as-pesquisas-exploratoria-descritiva-e-explicativa>. Acessado em: 27 de maio de 2015.

Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro. Base 2013. Disponível em: http://anl.org.br/web/pdf/pesquisa_FIPE_2013.pdf. Acesso em: 02 jun. 2015.

Retratos da leitura no Brasil / Organizador Galeno Amorim. - São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

Retratos da Leitura no Brasil/ organizadora Zoara Failla - São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2012.

VELLOSO, B. **Agonia e salvação**. Revista Época, n. 330, 13/09/2004.

V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo. I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo. **Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo.** 15, 16 e 17 de setembro de 2010 - Rio de Janeiro/RJ. Literatura ou Entretenimento? O que leva os jovens ler a série Crepúsculo. Vanzellotti1, C. A. & Almeida, T. G. Disponível em: http://www.estudosdoconsumo.com.br/artigosdoenec/6.2.1-Vanzellotti_e_Almeida_Literatura_ou_entretenimento.pdf. Acessado em: 29 de maio de 2015.

7. ANEXO

Tabela 1A: Teste de normalidade das variáveis de despesa com livros não didáticos - Shapiro-Wilk W teste para dados normais

| Variáveis | Número de Observações | W | Prob. |
|-----------------------------------|-----------------------|------|-------|
| despesa_livro_não_didático_mensal | 772 | 0,40 | 0.000 |
| despesa_periódico_mensal | 284 | 0,78 | 0.000 |
| despesa_jornal_mensal | 64 | 0,78 | 0.000 |
| despesa_revista_mensal | 57 | 0,79 | 0.000 |
| despesa_xerox_impressão_mensal | 4841 | 0,37 | 0.000 |

Fonte: Dados da pesquisa.

Pela Tabela 1A, comparando-se as estatísticas W com o valor tabelado $SW=0,94$ ($W < SW$), conclui-se que a distribuição de todas as variáveis é normal. Ou seja, não se rejeita a Hipótese Nula (H_0) de que as variáveis possuem distribuição normal.

Tabela 2A: Teste de normalidade das variáveis de despesa com livros didáticos - Shapiro-Wilk W teste para dados normais

| Variáveis | Número de Observações | W | Prob. |
|---|-----------------------|------|-------|
| despesa_periódico_técnico_mensal | 1 | - | - |
| despesa_livro_primeiro_seg._grau_mensal | 805 | 0.65 | 0.000 |
| despesa_livro_revista_técnica_mensal | 569 | 0.43 | 0.000 |
| despesa_outros_didáticos_mensal | 86 | 0.74 | 0.000 |
| despesa_dicionario_mensal | 19 | 0.53 | 0.000 |
| despesa_apostila_mensal | 155 | 0.40 | 0.000 |
| despesa_material_vestibular_mensal | 1 | - | 0.000 |
| despesa_material_supletivo_mensal | 1 | - | 0.000 |
| despesa_enciclopedia_mensal | 3 | 0.98 | 0.732 |
| despesa_livro_preescolar_mensal | 35 | 0.78 | 0.000 |

Fonte: Dados da pesquisa.

Comparando a estatística W com o valor tabelado $SW=0,94$ ($W < SW$), conclui-se que a distribuição de todas as variáveis é normal, exceto para a variável com enciclopédia mensal, a qual possui apenas 3 observações. De modo geral, não se rejeita a Hipótese Nula (H_0) de que as variáveis possuem distribuição normal.